

Domenico De Masi

Alfabeto da sociedade desorientada

Para entender o nosso tempo

TRADUÇÃO

Silvana Cobucci

Federico Carotti



Copyright © 2015 by Domenico De Masi

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

TAG: Le parole del tempo

Capa

Rodrigo Maroja

Preparação

Diogo Henriques

Revisão

Ana Maria Barbosa

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Masi, Domenico De

Alfabeto da sociedade desorientada: para entender
o nosso tempo / Domenico De Masi; tradução Silvana
Cobucci, Federico Carotti. — 1^a ed. — São Paulo:
Objetiva, 2017.

Título original: TAG: Le parole del tempo.

ISBN 978-85-470-0027-1

1. Civilização moderna — Século 21 I. Título.

16-00311

CDD-301.09

Índice para catálogo sistemático:

1. Civilização moderna : Sociologia : História 301.09

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 — Sala 3001
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editoraobjetiva
instagram.com/editora_objetiva
twitter.com/edobjetiva

Sumário

Introdução	9
Aforismo	14
Beleza	53
Criatividade	66
Desorientação	93
Ecossistema	110
Fausto	131
Gênio	164
Hobby	181
Interpretação	203
Jobless	222
Kelvin	248
Lugares	268
Mídia	303
Nápoles	330
Ócio	347
Partidos	369
Quixote	387
Roma	409

<i>Slow</i>	425
Trabalho	442
Universidade	479
Václav	497
Web	511
Xénos	535
Yin e Yang	559
Zeta	583

Introdução

*A vida e os sonhos são páginas do mesmo livro.
Lê-las em ordem é viver, folheá-las ao acaso é sonhar.*

ARTHUR SCHOPENHAUER

PARAÍSO E INFERNO

Jorge Luis Borges faz Paracelso afirmar que o Paraíso existe e é esta nossa terra, uma vez que a divindade não teria podido criar um lugar que não fosse Paraíso. O inferno também existe, segundo Paracelso, e consiste em ignorar que estamos no Paraíso. Em minha opinião, embora este no qual vivemos não seja o melhor dos mundos possíveis, ainda assim é o melhor dos mundos existidos até agora. Eu gostaria de ter vivido na Atenas de Péricles, na Roma de Adriano, na Florença de Lourenço, o Magnífico, na Paris de Voltaire. Mas ninguém me garante que seria justamente eu no lugar desses personagens, desfrutando de seus privilégios. Seja como for, no tempo deles a expectativa de vida era bem mais breve do que a atual, e em caso de dor de dente não havia analgésicos para aliviá-la.

DEPRESSÃO UNIVERSAL

Já por si só, essa constatação deveria nos bastar para termos uma atitude menos desconcertada em relação à sorte que nos faz viver aqui e agora. Mas o mundo não está

de acordo e predispõe a uma depressão que se tornou totalizante a partir daquele 2 de abril de 2007, quando a New Century Financial, a sociedade americana especializada na concessão de empréstimos *subprime*, pediu concordata, desencadeando oficialmente uma crise financeira sem precedentes.

Eduardo Galeano assim descreveu nosso sistema: “Os funcionários não funcionam. Os políticos falam mas não dizem. Os eleitores votam mas não escolhem. Os meios de informação desinformam. Os centros de ensino ensinam a não aprender. Os juízes condenam as vítimas. Os militares estão em guerra contra seus compatriotas. Os policiais não combatem os crimes porque estão ocupados demais em cometê-los. As perdas se socializam, os rendimentos se privatizam. O dinheiro é mais livre do que as pessoas. As pessoas estão a serviço das coisas”.

Até o Brasil, última reserva de humanismo corporal e de sensualidade cordial, já induz ao pessimismo. Quando, vinte anos atrás, eu ia de Roma para o Rio, partia de um país eufórico e aterrissava num país deprimido. Dez anos atrás, voltando ao Brasil, deixava uma Itália deprimida e chegava a um país eufórico. Hoje, tanto cá quanto lá prevalece uma deprimente crise econômica, vivida como crise total. Mas até em países como Luxemburgo ou o Principado de Mônaco, onde o PIB per capita é escancaradamente exorbitante, os rostos ansiosos ou ausentes são em maior número do que os serenos.

A RAIZ DA INQUIETAÇÃO

Procurei compreender as causas dessa depressão que se expande até nos países de PIB alegre. A riqueza total do planeta cresce três ou quatro pontos ao ano; o número de Estados democráticos quase ultrapassou o dos regimes autoritários; a média de vida se alongou em toda parte, e em toda parte a medicina tornou um pouco mais suportáveis as enfermidades e a velhice; de ano em ano as tecnologias nos fornecem instrumentos cada vez mais eficazes para não esquecermos, não nos isolarmos, não nos perdermos, não ignorarmos, não nos entediarmos, não nos descuidarmos. No entanto, cresce uma inquietação dividida entre passividade e angústia.

Em um livro anterior – *O futuro chegou: modelos de vida para uma sociedade desorientada* –, eu identificava a raiz sociológica dessa depressão universal na desorientação gerada pela crescente dificuldade de distinguir. Para nós, é cada vez mais difícil distinguir o verdadeiro e o falso, o bem e o mal, o bonito e o feio, o público e o privado, o que é de direita e o que é de esquerda, e até o que é macho e o que é fêmea, o que é vivo e o que é morto. A impossibilidade de distinguir nos dificulta julgar, educar, decidir; nos lança em um estado de impotência justamente quando a ciência solicita nosso delírio de onipotência.

FALTA DE UM MODELO

Em *O futuro chegou*, situei a causa da depressão na desorientação, a causa da desorientação na impossibilidade de distinguir, a impossibilidade de distinguir na falta de um modelo de referência, de um paradigma capaz de fornecer ao nosso juízo critérios precisos de avaliação e, ao nosso itinerário, balizas seguras. Dessa concatenação de causas fiz descender a incapacidade individual e coletiva de projetar o futuro. E quando não somos nós a projetar nosso futuro, outros o projetam por nós, agravando nossa sensação de impotência.

ANOMALIA PÓS-INDUSTRIAL

Essa situação incômoda é totalmente inédita. Sua anomalia, e as consequências que daí derivam, está no fato de que somente a nossa atual sociedade pós-industrial cresceu sobre si mesma, quase por germinação espontânea, sem um modelo pré-elaborado, sem um plano, um mapa, um esquema ao qual se amoldar. Todas as sociedades precedentes – da democracia de Atenas ao Império Romano, do Sacro Império Romano-Germânico às nações protestantes, dos Estados Unidos à União Soviética – surgiram com base em um modelo preexistente, quer fosse religioso ou laico. O mesmo se pode dizer dos Estados indianos, chineses, japoneses, muçulmanos que se sucederam ao longo dos séculos.

QUINZE MODELOS

Incitado pelas minhas hipóteses, tentei reconstituir quinze desses modelos a fim de apurar e comparar o que havia a ser conservado ou descartado da sociedade hinduista e da confuciana, da taoista e da islâmica, da iluminista, da capitalista, da comunista e da social-democrata, com vistas a um modelo novo a ser pensado e experimentado para conferir sentido à nossa sociedade pós-industrial. *O futuro chegou* é um diário de bordo, um relato desse meu périplo em torno das grandes tentativas com as quais a humanidade buscou reduzir a angústia da incerteza orientando os comportamentos sociais com percursos traçados em nome de Deus ou do povo, mas de qualquer modo em busca da felicidade.

EM ORDEM ALFABÉTICA

Mas, ao reconstituir esses percursos, ao identificar um a um os *guard rails* com os quais o homem delimitou sua trajetória, cresceu em mim a necessidade de esclarecer alguns conceitos nodais que resistem grandemente à simplificação e que nos induzem a refugiar-nos astutamente na toca protetora da complexidade, entendida como categoria tautológica que tudo explica e justifica. Para dar uma sequência a esses nós a ser desatados, evitando submetê-los a uma classificação, escolhi o mais óbvio dos critérios: a ordem alfabética. O leitor poderá segui-la ou, então, se preferir, escolher de vez em quando a palavra e o conceito a ser explorados com base em seu desejo do momento.

CONCEITOS COMPLICADOS, FORMA SIMPLES

Muitos conceitos reunidos neste livro me acompanham há anos e já foram esboçados ou expressados em outros ensaios meus. Quando necessário, retomei-os neste contexto, e isso explica as remissões a obras precedentes de minha autoria, não por autocmpla-cência, mas por completude. Em sinal de gratidão para com os leitores, esforcei-me por expor do modo mais simples possível até os conceitos mais complicados, a fim de facilitar sua compreensão sem, no entanto, empobrecê-los ou banalizá-los. Pelo mesmo motivo, eliminei as notas de pé de página e a bibliografia, englobando no discurso informações suficientes sobre as fontes, sem tornar o texto pesado.

PALAVRAS-CHAVE

O resultado não é um tratado de sociologia, uma anatomia e uma fisiologia sistêmáticas da nossa sociedade, que são impossíveis dada a natureza fragmentária e esquizofrênia da própria sociedade, mas sim um patchwork de questões cruciais que tenta reproduzir o patchwork da realidade, descobrindo-lhe os nexos. Cada questão é evocada por uma palavra-chave. Algumas palavras (Ecossistema, Fausto) referem-se à saúde precária do planeta e ao progresso ameaçador da tecnologia, isto é, ao hardware da nossa existência. Outras (Aforismo, Web) referem-se às nossas modalidades, velhas e novas, de comunicar-nos com os outros, isto é, ao software da nossa convivência. Outras (Jobless, Trabalho, Ócio, Hobby) referem-se às nossas modalidades de ser e de expressar-nos através de algumas práticas como a fadiga, o repouso, o tempo livre e o jogo. Outras (Interpretação, Kelvin, Universidade) referem-se aos nossos modos de

explorar o mundo do mais ou menos, de medir o universo da precisão e de transmitir esses conhecimentos através da instituição escolar. Outras (Lugares, Nápoles, Roma) referem-se a três modos diferentes de organizar os lugares e os não lugares criados pelo homem. Outras (Beleza, Criatividade, Gênio) referem-se aos fatores que mais se encarregam da nossa felicidade, tais como a estética, a descoberta e a invenção. Outras (Mídia, Partidos, Václav, Yin/Yang, Zeta) referem-se à dialética do poder em suas formas democráticas e em suas formas opressivas. Outras (Desorientação, Slow, Quixote, Xénos) referem-se a algumas abordagens à vida, da serenidade à confusão, da estranheza à loucura. Tendo me proposto a cobrir todas as 26 letras do alfabeto internacional, tive de recorrer a expedientes linguísticos para honrar também letras como K ou Y, pouco usuais no alfabeto brasileiro e inexistentes no italiano.

Dedicatória. Dedico este livro às minhas filhas Mara e Barbara, que conheço e amo desde sempre. Mas também o dedico a Liu Xiaobo e à sua mulher Liu Xia, que amo há anos mas que não conhecerei jamais. Desde 2009, Liu, filósofo e poeta, cumpre pena de onze anos de prisão por “incitação à subversão contra o poder do Estado”. Em 2010, ganhou o prêmio Nobel da Paz “pelo empenho não violento em defesa dos direitos humanos” e o dedicou “às almas mortas da praça Tian'anmen”. Em seu cárcere na Manchúria, onde lhe foram tirados papel e tinta, Liu traça seus versos sobre o pavimento de pedra, molhando um dedo na tigela da água que bebe. Enquanto isso, sua mulher Liu Xia, após recusar-se a pedir o divórcio, como lhe impunham as autoridades policiais, foi internada em uma clínica de Pequim, onde é cotidianamente submetida à condição de enlouquecer ou suicidar-se. Liu e sua mulher estão condenados à *damnatio memoriae* pelo dragão do Oriente e pela conivência do Ocidente, ambos dispostos a ignorar, por cínico interesse, que o gigante dos capitais financeiros esconde o anão dos direitos humanos.

A. Aforismo

*Um aforismo jamais coincide com a verdade:
ou é uma meia verdade, ou é uma verdade e meia.*

KARL KRAUS

REGISTRO CIVIL DO AFORISMO

Arqueologia do twitter

Digamos com franqueza: falar do aforismo, de sua história e de suas características é para mim sobretudo um pretexto para me desobrigar com o leitor, dando-lhe os aforismos mais belos com os quais topei no decorrer dos anos. Mas é também um modo de explorar a arqueologia da nossa linguagem mais atual, que se precipita — graças à informática — para uma desorientação talvez irreversível.

“Os homens no tempo de hoje são desejosos de brevidade”, dizia já em 1305 Bartolomeu de San Concordio em seu *Ammaestramenti degli antichi*. Passaram-se setecentos anos, e a tecnologia tratou de contentá-lo. A informática conspira a favor da brevidade expressiva e obriga seus adeptos a falar por aforismos, dos quais o Twitter representa a versão triunfante.

Existe uma extraordinária simetria entre o aforismo e suas épocas. Gino Ruozzi, máximo especialista italiano nesse gênero literário, afirma: “Os escritores de aforismos, que em primeiro lugar são escritores de meditação, oferecem a oportunidade de sondar os humores oscilantes do nosso tempo”.

Nascido elitista no mundo clássico, em que era pensado por poucos sábios para

poucos eruditos, passado ao mundo medieval, em que era pensado por poucos teólogos e moralistas para muitos crentes, hoje o aforismo paira sobre tablets e celulares, nos quais é postado por todos e recebido por todos. Nesse murmurinho planetário, que vale dezenas de bilhões de dólares, todos são *followers*, todos estão *following*.

Mas o aforismo havia nascido como ponto de referência seguro, como baliza de um percurso bem delineado, como transmissão concisa, em mão única — do sábio ao ignorante —, de um saber garantido pela credibilidade da fonte. Durante séculos, exprimindo a sabedoria de filósofos, *condottieri*, cientistas, pedagogos, maîtres à penser, ele representou uma fresta para a visão sobre a realidade. Prometendo mantê-la sob controle, criou um curto-círcuito repentino entre o mundo e a presunção de poder conhecê-lo sabiamente, comunicá-lo succinctamente, fustigá-lo severamente e corrigi-lo salvificamente.

Depois, aos poucos, por heterogênese dos fins, o aforismo abandonou a exatidão e a credibilidade das fontes, rejeitou toda missão ética e social, aventurou-se pela pradaria do *qualunquismo*, da contradição, da confusão, preferiu o efeito, a surpresa, o brilhantismo, o esnobismo, em vez da solidez de um pensamento compacto, coerente, sistemático. Com sua linguagem confusional, contribuiu para a confusão geral da nossa época.

Agora, com sua recente metamorfose em tuíte, ele oferece a qualquer cultor da internet — ou seja, a todos — a possibilidade técnica de aventurar-se em uma circum-navegação do homem e em uma exploração da sociedade sem ter um mapa, uma meta e, talvez, sem que continuem existindo tanto o homem quanto a sociedade.

Se, durante séculos, o aforista orientou o mundo, seguro de conhecer o próximo mais do que o próximo conhecia a si mesmo, hoje ele se diverte em desemparelhar os pontos cardeais do mapa náutico que a humanidade buscou, obstinada e ilusoriamente, construir para si no decorrer dos séculos, e contribui, com seus fragmentos de sabedoria enlouquecida, para desorientar ainda mais o mundo desorientado. Esse deslocamento, como veremos, começou no final do século XIX com os aforismos de dois gênios sublimes e malditos — Baudelaire e Nietzsche —, para depois se instalar em todo o século XX, desintegrando toda linguagem subsequente, até a atual.

140 caracteres

Vivemos numa sociedade crescida sobre si mesma, sem ter um modelo ao qual se amoldar. Sua linguagem fragmentária e gramaticalmente falha é coerente e consubstancial a essa sua carência genética. E o aforismo, que hoje representa a forma mais frequente e expressiva dessa linguagem, ainda que não tenhamos consciência disso, nos dá a ilusão de fundamentar uma moral justamente enquanto contribui para despedaçá-la com sua retórica, sua erudição, sua contraditoriedade, seu cinismo, sua ironia, sua presumida

brevidade. Sob esse aspecto, o Twitter representa a última metamorfose do aforismo e leva o despedaçamento até o ponto de impor a toda mensagem o intransponível limite métrico-decimal de 140 caracteres (ou 120, caso se insira um link ou uma imagem).

Foi Jack Dorsey quem imaginou um serviço que permitisse a uma pessoa comunicar-se com um número restrito de outras pessoas através dos SMS. O primeiro tuíte, publicado por Dorsey a título experimental em 21 de março de 2006, dizia: "just setting up my twtr". O lançamento do serviço, uma vez pronto, aconteceu em 15 de julho de 2006. Sete anos depois, em 2013, pelo menos 230 milhões de usuários se conectavam mensalmente com o Twitter, que conseguia gerenciar 143 199 tuítes por segundo e faturava 1 bilhão de dólares. À diferença do Facebook, o Twitter não admite chats ou anexos, e suas mensagens diretas só podem ter como destinatários os *followers*. Se na mensagem se acrescentar uma *hashtag*, isto é, uma cerquilha (#), a algumas palavras ou agrupamentos de palavras, essa mensagem é etiquetada de tal modo que possa ser reconectada rapidamente, hipertextualmente, a todas as outras recentes mensagens sobre o mesmo assunto. Além disso, na primeira página do Twitter é publicada a lista das hashtags mais frequentes, país por país e cidade por cidade.

Medicina do homem

Mas o que é um aforismo? Muito distante de nós, Bartolo de Buti (1315-1406) o define como "breve sermão". Muito perto de nós, Giuseppe Pontiggia, que foi cultor e autor desse gênero (é sua a coletânea *Le sabbie immobili*, de 1991), diz que o aforismo "é a possibilidade de encerrar, dentro dos limites de uma definição, o fluxo, que sem isso seria inapreensível, da experiência". E traz o exemplo de Hipócrates, que no século V a.C. fundamentou a responsabilidade ética da medicina com uma coletânea aberta pelo memorável aforismo "A vida é breve, a arte longa, a ocasião fugidia, a experiência falaz, o juízo difícil", em que "o horizonte da medicina está contido dentro de limites de luminosa gravidade e de heroísmo humilde". Pontiggia diz: "Medicina do homem, esta é a essência do aforismo". Nós acrescentaríamos: "em doses pediátricas".

Federico Roncoroni, que organizou *Il libro degli aforismi*, fornece esta definição: "O aforisma ou, como melhor deveria ser chamado, o aforismo, é uma frase que compendia em um breve giro de palavras o resultado de reflexões precedentes".

Alda Merini, que escreveu aforismos inquietantes, diz que "o aforismo é o sonho de uma vingança sutil ou a sutil consideração de uma vingança que nunca será aplicada a nenhum governo e muito menos à vida interior do poeta [...]. O aforismo é gênio e vingança".

A Wikipédia, que fornece gratuitamente ou mediante pagamento dezenas de milhares de aforismos, oferece esta definição: "Um aforisma ou aforismo (do grego ἀφορισμός,

definição) é uma breve frase que condensa — à semelhança das antigas locuções latinas — um princípio específico ou um mais geral saber filosófico ou moral”.

Bem antes, Alano di Lilla (1125-1202), em suas *Regulae de sacra theologia*, dizia que toda ciência tem seus modos de expressão: as máximas para a dialética, os lugares-comuns para a retórica, as sentenças para a ética, os corolários para a aritmética, os teoremas para a geometria, os axiomas para a música, os aforismos para a medicina. E hoje — acrescento eu — para a informática.

O gênero aforístico, que remete justamente a Hipócrates e à sua ciência médica, até a Idade Média foi adotado por todos os seguidores deste último, e somente no século XVII foi liberado da hegemonia sanitária.

Na Itália — onde, ao que parece, o gênero foi introduzido com os *Disticha Catonis*, talvez de Catão, o Censor (234-149 a.C.) —, quem fará dele o maior uso serão primeiro as escolas médicas para o tratamento do corpo (escolas salernitana, bolonhesa, perugina) e depois as escolas religiosas para o tratamento da alma (Próspero de Aquitânia, Pietro Lombardo). Virão em seguida os aforismos morais (Jeremias de Montagnone), políticos (Campanella), jurídicos (Irnerio), astronômicos (Cardano), militares (Montecuccoli) e de humanidades em geral (Algarotti). A mesma coisa, mais ou menos, aconteceu em toda a Europa e na América Latina.

Aforismos pensados, aforismos adaptados

Assim, o termo “aforismo”, usado pela primeira vez em língua italiana por Dante Alighieri, mudará progressivamente de casa, de finalidade e de nome, assumindo-os tão variados a ponto de compor uma lista de mais de cem termos que, embora não sendo sinônimos perfeitos, ainda assim têm estreito parentesco entre si. De fato, vai-se do epígrama de Marcial à sentença de Petrarca, da regra de Leonardo ao pensamento de Marco Aurélio e de Pascal, do *witz* (tirada) e dos *Abfälle* (dejetos) de Kraus às proposições de Nietzsche, das *remarques* de La Bruyère às *fusées* (rojões) de Baudelaire.

Existem aforismos que representam o que resta de um livro perdido, como se fossem ruínas arqueológicas. Outros que representam as anotações para um livro em gestação. Outros, ainda, que foram escritos direta e intencionalmente como aforismos, depois talvez publicados em revistas, e então recolhidos em volume pelo próprio autor ou por organizadores autorizados a fazê-lo enquanto o autor ainda era vivo.

Na Itália, Francesco Guicciardini (1483-1540) foi o primeiro a publicar um livro de aforismos pensado como tal: cem páginas escritas e reescritas no arco de dezoito anos até a edição de 1530, na qual os pensamentos se tornam 221, recolhidos sob o título de *Ricordi politici e civili*.

Em 1500, Erasmo de Roterdã publicou, sob o título *Adagiorum collectanea*, um conjunto de 818 provérbios latinos. Gradativamente, acrescentaria os provérbios gregos, e em 1536, ano de sua morte, publicaria a edição definitiva de nada menos que 4151 provérbios, com o novo título *Adagiorum chiliades*.

Na França, Jean de La Bruyère compôs seus *Caracteres* como um *work in progress*, passando das 420 *remarques* da primeira edição (1688) às 1120 da oitava e última edição (1694). Os diários íntimos de Baudelaire são anotações, muitas das quais em forma aforística, escritas pelo autor em papéis esparsos com vistas a um “grande livro” a ser completado em um segundo momento. Na Alemanha, os aforismos que Goethe insere aqui e ali em algumas de suas obras são recolhidos muito mais tarde, em 1907, por Max Hecker, em 1417 *Maximen und Reflexionen*. Os *Grundisse* de Marx, compostos entre 1857 e 1858, poderiam ser considerados encorpados aforismos escritos como trabalho preparatório ao livro *Para uma crítica da economia política*, publicado parcialmente em 1859. Marx nunca os publicou integralmente, e só oitenta anos após sua morte eles foram editados em versão original pelo Instituto Marx-Engels-Lênin de Moscou.

No século XX, muitos autores escreveram e publicaram aforismos, primeiro isoladamente e depois recolhidos em volume pelo próprio autor. É o caso de *Pensamentos desgrenhados*, de Stanisław J. Lec, ou dos três livros — *Ditos e desditos*, *Pro domo et mundo* e *De noite* — nos quais Karl Kraus reuniu os aforismos já publicados em sua revista *Die Fackel*.

Em outros casos, trata-se de frases que o autor havia incluído em discursos, ensaios ou romances e que, suprimidas de sua sede original, se prestam a ser consideradas aforismos, confluindo em coletâneas devocionais, edificantes, formativas, divertidas. Ou até em manuais revolucionários.

O primeiro a extrapolar e recolher em livro as proposições de um autor para fazer delas um texto à parte foi Próspero de Aquitânia, falecido em 463 d.C., que extraiu 392 frases dos livros de santo Agostinho e as reuniu no *Stentiarum ex operibus S. Augustini delibatarum libri*. Muitos séculos depois, Robert Ross fez uma operação análoga, extraindo da sede original as frases com que Oscar Wilde havia recheado seus livros e reunindo-as no afortunado *Sebastian Melmoth's Aphorisms* (Sebastian Melmoth é o pseudônimo que Wilde adotou após sair do cárcere). E pensemos também no sucesso obtido na Itália, como numerosas edições e outros tantos acréscimos, por *Anche le formiche nel loro piccolo s'incazzano*, de Gino & Michele e de Matteo Molinari. Mas o exemplo mais famoso desse método, embora aplicado a uma matéria de gênero totalmente diverso, é sem dúvida o *Livro vermelho* compilado por Lin Piao com os pensamentos de Mao Tsé-tung; difundido em 5 bilhões de exemplares, representa o segundo best-seller de todos os tempos depois da Bíblia.

Outras vezes, enfim, trata-se de pensamentos editados ou inéditos, recolhidos em volumes póstumos. Entram nessa categoria florilépios como *Pensieri diversi sopra materie filosofiche e filologiche*, de Francesco Algarotti, ou *Il bianco e il nero*, de Massimo Bontempelli, ou *La sua signora*, de Leo Longanesi. Aí se encaixa também o *Frasario essenciale per passare inosservati nella società*, de Ennio Flaiano, o qual representa um raro caso de autor mais publicado depois de morto do que em vida: seis ou sete livros em vida contra dez póstumos, para os quais confluíram todas as “coisas que depois formarão um volume”.

HISTÓRIA DO AFORISMO

Exploradores e desertores

Na Itália temos o privilégio de uma edição extraordinariamente rica de aforismos organizada por Gino Ruozzi, que reconstrói a história do gênero desde o século XIII até o XX, e dele nos fornece o que há de melhor. Assim, em mais de 3 mil páginas, é passada em escrupulosa revista a produção de uma centena de aforistas, permitindo a avaliação e a comparação entre eles. Recorrerei a essa preciosa coletânea crítica para obter informações e indicações úteis ao meu discurso.

As filhas de Marx costumavam fazer um jogo que consistia em apresentar algumas perguntas a uma pessoa cuja personalidade pretendiam investigar. Para nossa sorte, temos as respostas que o pai deu ao insólito questionário. À indagação sobre qual seria seu mote preferido, a resposta de Marx foi: “De omnibus disputandum”, convém duvidar e discutir a respeito de tudo. À pergunta sobre qual seria sua máxima preferida, a resposta foi: “Nihil humani a me alienum puto”, nada do que é humano me é estranho. Naquela época já eram famosos os aforismos de Lichtenberg, de Goethe, de Novalis, de Shelling, e no entanto Marx cita uma frase extraída do século II a.C.: o *Heautonti-morumenos* de Terêncio.

Portanto, a citação latina ainda está viva no século XIX, mas sua origem é distante. As mais antigas coletâneas medievais trazem pensamentos elaborados por filósofos clássicos e por personalidades fidedignas (médicos, padres da Igreja, imperadores), salvando-os assim do esquecimento através da transferência da tradição oral à forma escrita, da obra volumosa ao prêt-à-porter intelectual. Em certo sentido, o tempo e a inteligência seletiva fazem com o pensamento dos sábios aquilo que o cinzel de Michelangelo fará com o mármore: eliminam o supérfluo e deste selecionam o indispensável, tornando-o inédito.

Esse processo de delimitação e de minimização ocorreu sobretudo na filosofia grega. Em ordem temporal, Platão foi o primeiro filósofo de quem existem livros inteiros

escritos e publicados por ele. Em contraposição, a vida e o pensamento de todos os pré-socráticos e do próprio Sócrates nos chegaram graças a citações e testemunhos fragmentários reportados por outros intelectuais, frequentemente centenas de anos depois. Na coletânea do século XIII *Fiori e vita di filosofi e d'altri savi e d'imperadori*, lê-se que Pitágoras “foi de tanta autoridade que os ouvintes escreviam como sentença aquilo que o escutavam dizer”. A mesma coisa aconteceu com mestres como Buda, Jesus, Maomé e talvez Confúcio, que se limitaram a pregar sem deixar nada escrito.

Maria Luisa Spaziani afirma que “o aforismo é um estilhaço de universo. Reconstituir o vitral é um pouco mais difícil”. Sem as citações e os fragmentos do pensamento pré-socrático que nos foram transmitidos pelos pensadores subsequentes, sem esses estilhaços de universo, nada saberíamos do “prodigioso vitral” que precede a Atenas de Péricles e que representa uma etapa fundamental do progresso humano. Se, sete séculos depois dos pré-socráticos, Diógenes Laércio não tivesse composto sua coletânea monumental de *Vidas e doutrinas dos filósofos*, com toda a sua massa de dados, datas, citações, testemunhos e até mexericos; e se, a 25 séculos de distância, o grande filólogo alemão Herman Diels não tivesse dedicado sua vida a recolher e organizar muitos materiais no seu *Fragmentos dos pré-socráticos* (1903), hoje não saberíamos quase nada de Orfeu, Hesíodo, Tales, Anaximandro, Anaximenes, Heráclito, Pitágoras, Parmênides e Zênon.

Concentremo-nos um instante em Heráclito. Sem as citações que dele fizeram Aristóteles, Plutarco, Orígenes, Plotino e Platão, sem a paciência de Diógenes Laércio e de Herman Diels, hoje não conheceríamos seus aforismos, intensíssimos em ironia, profundidade e mistério. A ironia fustigante que se encontra em pensamentos como estes: “Se a felicidade se identifica com o corpo, consideraríamos felizes os bois quando encontram ervilhacas para comer”; ou: “Que a riqueza possa não vos abandonar jamais, ó efésios, a fim de que possais dar prova de quão infeliz condição é a vossa”. A profundidade que se encontra em aforismos como este: “Não é possível percorrer duas vezes o mesmo rio”. O mistério que envolve aforismos como este: “Imortais mortais, mortais imortais, a vida destes é a morte daqueles, e a morte destes, a vida daqueles”. E também a sabedoria contida em aforismos que merecem toda a fama de que gozam: “Para o homem, o caráter é o seu demônio”; ou então: “É na mudança que as coisas descansam”.

Um elogio explícito da citação é expressado nas *Cartas a Lucílio* por Lúcio Aneu Sêneca, morto em 65 d.C. Durante os últimos anos de sua vida, o grande filósofo escreveu uma série de cartas ao seu amigo, governador da Sicília e culto intelectual. Delas restam 124, reunidas em vinte livros. Nesse monumento filosófico com o qual pretende demonstrar algumas verdades exortando ao bem, e precisamente na segunda carta, Sêneca se congratula com o amigo-aluno porque este não é irrequieto, não se agita mudando de lugares continuamente, e sabe permanecer sossegado e recolhido em si mesmo. Depois

lhe recomenda ser igualmente equilibrado também nas leituras e “adquirir familiaridade com autores selecionados”, nutrindo-se somente deles, sem vagar de um escritor a outro, de um livro a outro. “Por isso, lê sempre os melhores autores e, se por vezes quiseres passar a outros, volta depois aos primeiros [...]. Após teres lido muito, escolhe um pensamento que possas assimilar naquele dia. Eu também faço assim: do muito que leio, extraio sempre algo. Esta, por exemplo, é a máxima de hoje, que encontrei em Epicuro (tenho, de fato, o hábito de passar ao campo alheio, mas como explorador, não como desertor): ‘É uma bela coisa’, diz ele, ‘a pobreza aceita com ânimo alegre.’”

E assim Sêneca não só faz o elogio da citação como termina ele mesmo cada carta com a citação de um grande personagem. A terceira, por exemplo, se conclui com uma frase de Pompônio (“Há quem viva tão fechado em sua concha que vê um obscuro perigo em tudo o que está à luz do sol”); a quarta e muitas outras terminam com máximas epicuristas; a quinta e a sexta, com uma citação de Hecateu; a sétima termina de novo com um pensamento de Epicuro dirigido a um colega de escola: “Escrevo-te isto não para a multidão, mas para ti; de fato, sejamos um para o outro um teatro bastante grande”.

Depois de 25 séculos, as citações estão ainda hoje em moda porque emprestam a credibilidade da personalidade citada ao pensamento daquele que a cita e porque permitem a este último expressar-se em um estilo melhor do que o próprio. De resto, as citações também são úteis aos autores citados porque lhes aumentam a *auctoritas*, a divulgação e a admiração junto a um público mais vasto e douradouro; e porque, escolhendo dentro da produção de seu autor os pontos mais brilhantes, validam-lhe uma genialidade talvez superior à real. Hoje, o Facebook e o Twitter se encarregam de multiplicar esses efeitos ao infinito, recheando-os de erros e imprecisões.

Guerra e ciência

Com Guicciardini e com Leonardo nasce o aforismo escrito pelo aforista, remetendo já não aos pensamentos credíveis de antigos sábios ou poderosos, mas à própria experiência pessoal e à observação direta da natureza. Embora, entre seus aforismos, não faltem os de tipo moral, Leonardo pintor escreve sobretudo ensinamentos destinados aos alunos pintores, e Leonardo cientista escreve para outros cientistas ou, de qualquer modo, para práticos, mais ou menos como Hipócrates havia feito em sua época. Seus temas preferidos são a anatomia, a medicina, a matemática, a física, a arte militar, o voo das aves. Dele, eu gostaria de lembrar aqui três aforismos. Um é leve e alusivo como uma metáfora: “Entre nós e o sol há trevas, e no entanto o ar parece azul”. O outro é parâmetro para quem quer que se dedique ao ensino: “Triste é o discípulo que não se adianta ao seu mestre”. O terceiro é um elogio da esfera emocional, tanto mais convincente quanto vem de um cientista: “Toda convicção decorre dos sentimentos”.

Já dos Ricordi de Guicciardini, agrada-me citar este aforismo bem adequado aos nossos tempos, nos quais um político, quando não sabe o que fazer, nomeia uma comissão de técnicos: “Reúna seis ou oito sábios, tornam-se outros tantos loucos; porque, não entrando em acordo, põem as coisas antes em disputa do que em resolução”.

No Renascimento floresceram os manuais para uso prático: tal como Leonardo, também Cennini e Piero della Francesca escreveram os seus para formar os artistas; Maquiavel e Guicciardini, para tornar argutos os políticos e os cidadãos; Baldassarre Castiglione e o monsenhor Della Casa, para ensinar boas maneiras. Mas também grandes condottieri como Wallenstein, Turenne, Gustavo Adolfo da Suécia, o príncipe de Condé e, sobretudo, Raimondo Montecuccoli sentiram a necessidade de transmitir suas experiências heroicas em pílulas de arte bélica, que irão completar o estudo inteiramente teórico feito por Maquiavel em seus inigualáveis *Diálogos da arte da guerra* (1521). E como, além das guerras intestinas como a conduzida e teorizada por Tommaso Campanella, as mais ásperas e heterodoxas são aquelas contra os turcos, travadas sobretudo na Hungria, a elas se referirão os aforismos de guerra de Carlos Emanuel I, duque de Savoia, e sobretudo os celeberrimos aforismos de arte bélica intitulados justamente *Della guerra col turco in Ungheria*, de Raimondo Montecuccoli, militar estrepitoso, destruidor do duplo mito da invencibilidade turca e da invencibilidade francesa, cultíssimo conhecedor de nada menos que sete línguas, além do latim e do italiano, escritor eficacíssimo em seu estilo forte e enxuto, que fará de seu livro um best-seller até hoje apreciado. Dele transcrevo somente dois aforismos, muito diferentes entre si, para mostrar o sentido com que Montecuccoli trata a guerra: “Começar a disputa à noite ou ao entardecer, caso se deva combater com poucos contra muitos ou se deva atacar um campo, porque a noite possibilita simulações e insídias; de resto, ela recobre indiferentemente sob seu manto as belas e as más ações, donde permanece a virtude sem o estímulo da cupidez, da honra, e do temor da ignomínia e do castigo”. O outro aforismo antecipa as astúcias gerenciais das *human relations*: “Na retaguarda dos batalhões, manter religiosos, barbeiros, escrivães, que consolem, curem, registrem os feridos”.

Desdém e arte péruida da prudência

São os tempos de Carlos V, de Isabel de Castela e das grandes descobertas geográficas; são os tempos da protoindustrialização inglesa, que vão do reinado pobre e retrógrado de Henrique VIII ao evoluído e rico de Isabel I; são os tempos de Martinho Lutero, de Calvino e de Zwingli, com suas reformas que tentam deslocar de Roma para a Europa central o epicentro do poder religioso.

Em 1528, Baldassarre Castiglione publica *Il cortegiano*, com o qual indica na *sprezzatura*, arrogância desdenhosa, a qualidade mais apreciável do perfeito homem de

corte. Como são poucos os cortesãos que possuem a tendência natural à cortesania, ou seja, a capacidade de entretecer lisonjas e adulações com tiradas espirituosas, jogos de palavras e aforismos, é preciso formar-se nessa arte combinatória com todo o empenho necessário e, uma vez aprendida, exercê-la com graça, ocultando o esforço despendido para tal e ostentando-a como virtude não adquirida, e sim natural. A *sprezzatura* é a arte de ocultar a arte e dissimular a simulação. Segundo a definição dada por Castiglione, e mais tarde retomada por Leopardi no *Zibaldone*, a *sprezzatura* é o oposto da afetação: “Para dizer talvez uma nova palavra, usar em tudo certa *sprezzatura*, que esconda a arte e demonstre o que se faz e se diz como feito sem fadiga e quase sem pensar [...]. Disso creio eu que deriva bastante a graça [...]. Pode-se, contudo, chamá-la de verdadeira arte, que não parece ser arte”.

Mas esses são também os tempos de César e Lucrécia Bórgia, da família dos Medici, com seus triunfos e suas caçadas, de Maquiavel e de Júlio II, de Bernini e Borromini, de Inocêncio X e de sua cunhada e amante dona Olímpia, dita “La Pimpaccia”. Tempos em que, à guerra travada nos campos de batalha com tropas uniformizadas e canhões e estandartes e inimigos reconhecíveis como tais, correspondia uma guerra mais sutil, conduzida nas cortes, nos palácios, nos conventos, a golpes de alusões, silêncios, meias palavras, olhares e subentendidos, conjurações e vinganças, longamente incubadas, subitamente consumadas a golpes de florete, venenos e punhaladas noturnas. Tempos sanguinários, marcados por um culto igualitariamente atribuído à sublime beleza e aos abomináveis vícios, públicos e privados. Tempos nos quais, para morrer de morte natural, convinha exercer em alta medida a arte da prudência. Que nunca era excessiva, se considerarmos que até Guicciardini, mesmo tendo-a ensinado fartamente em seus *Ricordi*, elaborados em longos anos de reflexões e ajustes, não conseguiu exercê-la na medida necessária para não cair duas vezes em desgraça.

Guerras, intrigas e conjurações foram, nos séculos XVI e XVII, o caldo de cultura dos novos estilos aforísticos, uma vez que o gênero se mostrava particularmente afim ao estilo de vida que se afirmava por toda parte na Europa. Dessa guinada são protagonistas príncipes e cardeais, bispos e monsenhores, ministros e *grand commis*, com os jesuítas na primeira fileira, dada a convergência de seu espírito corporativo com o espírito da época.

Permanece como exemplo celeberrimo dessa produção aforística *A arte da prudência*, publicado em Huesca, na Espanha, em 1647, pelo jesuíta Baltasar Gracián, a fim de oferecer aos homens do seu tempo um guia que os auxiliasse a se desvencilhar nos labirintos das intrigas, das dúvidas e dos mexericos cotidianos.

Quando o livro saiu, Bacon e Galileu tinham morrido havia pouco; Descartes e Newton, Velázquez e Calderón de la Barca ainda viviam. Gracián, portanto, teve a feliz